

Interpretação ergativa e causativa de orações encaixadas: sujeito nulo ou posposto?

Ergative and causative readings of embedded clauses:
null or postposed subject?

Paloma Petry*

Resumo

Este trabalho tem por objetivo descrever a interpretação preferencial do falante nativo de PB em relação às leituras ergativa e causativa de orações encaixadas. Para tanto, propomos-nos a elaborar um questionário de modo a obter uma amostra que indicasse uma possível leitura preferencial. Com base na literatura sobre sujeito nulo, ordem verbo-sujeito e ergativização, foi possível delimitar algumas restrições e predições de leitura preferencial para esse tipo de ambiguidade. Os dados obtidos através da testagem mostram que a leitura preferencial é a causativa, com sujeito nulo, o que corrobora as predições da literatura da área.

Palavras-chave: sujeito nulo, ordem VS, ergativização, ambiguidade

Abstract

This paper aims to describe the preferred reading of Brazilian Portuguese native speakers concerning the ergative and causative readings of embedded clauses. Thus, we carried out a questionnaire in order to gather a sample that indicated a possible preferred reading. Based on the literature on null subject, verb-subject order and ergativity, we were able to establish some restrictions and predictions regarding the preferred reading for this type of ambiguity. Data collected through the administration of the questionnaire shows that the preferred reading is the causative one with null subject, which corroborates the literature predictions.

Keywords: null subject, verb-subject order, ergativity, ambiguity

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. E-mail: palomapetry23@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0784-4447>. Agradeço aos meus professores, Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero e Prof. Dr. Marcos Goldnadel, pelas discussões que possibilitaram a conclusão deste estudo. Agradeço, também, aos pareceristas, pelas importantes observações.

1 Introdução

Este trabalho busca discutir, em orações encaixadas, a possibilidade de leitura causativa, no caso de sujeitos nulos com causativas transitivas, e de leitura ergativa, no caso da ordem não-canônica VS com ergativas intransitivas, mais especificamente orações encaixadas ambíguas com esses dois tipos possíveis de interpretação, como podemos ver com o exemplo em (1) abaixo:

- (1) João disse que *quebrou a janela*.

Ordem VS: (João disse que) a janela quebrou. (ergativa intransitiva)

Sujeito nulo: (João disse que) João quebrou a janela. (causativa transitiva)

Ambos os fenômenos têm sido alvo de debate na literatura. Por um lado, a questão do sujeito nulo parece atrair a atenção de muitos devido ao português brasileiro (PB) ter sido canonicamente uma língua *+pro-drop* que está perdendo essa característica (Duarte, 1993; 2000; Kato; Duarte, 2014; Othero; Spinelli, 2019). Por outro, a ordem VS e a ergativização trazem à tona questões difíceis de responder relacionadas a tipos de verbo, papéis temáticos e motivação linguística (Menuzzi, 2004; Ciríaco, 2007).

O propósito principal deste trabalho é verificar a preferência de interpretação, em relação a essa ambiguidade, através de um questionário. Para tanto, este trabalho divide-se em cinco partes: esta introdução; um referencial teórico que aborda questões relacionadas ao sujeito nulo no PB e orações ergativas de ordem VS; uma seção de metodologia, em que mostramos como a testagem da preferência de interpretação foi feita; uma seção de resultados, em que se apresentam os resultados obtidos com a testagem; e, por fim, as considerações finais.

2 Sujeito nulo de causativa ou sujeito posposto de ergativa?

Nesta seção serão abordados estudos sobre os dois fenômenos que estão sendo investigados neste trabalho. Dessa forma, esta seção está dividida em duas partes: na primeira, abordaremos a questão do sujeito nulo de forma breve e relevante para este estudo; na segunda, traremos discussões sobre ordem VS e ergativização.

2.1 Sujeito nulo

Conforme mencionado anteriormente, diversos estudos (Barbosa; Kato; Duarte, 2005; Holmberg; Nayudu; Sheehan, 2009; Kato; Duarte, 2014; Othero; Spinelli, 2019) vêm sendo realizados sobre o fenômeno do sujeito nulo no PB com o objetivo de determinar que tipo de mudança está em andamento na língua, quais estruturas são afetadas por essa mudança e, afinal, onde o PB se encaixa atualmente na tipologia de línguas com relação ao parâmetro *pro-drop*.

De acordo com Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009), o PB está perdendo seu estatuto como língua de sujeito nulo obrigatório, sendo considerada, atualmente, uma língua

de sujeito nulo parcial. Sendo assim, o PB permite o uso de sujeito nulo em alguns contextos específicos, mas não com a mesma liberdade que outras línguas de sujeito nulo canônico, tal como o português europeu (PE), por exemplo, não seguindo, assim, o princípio de “evite pronome”, proposto por Chomsky (1981).

Duarte (1993) mostra, através da análise diacrônica de um corpus composto por peças de teatro dos séculos XIX e XX, como o uso do pronome sujeito pleno aumentou no Brasil de um século para o outro. De acordo com os dados de Duarte (1993; 2000; 2012), enquanto, em 1845, o uso de pronomes plenos era equivalente a 20%, em 1992, seu uso passou para 74%. Mais tarde, dando andamento ao trabalho desenvolvido pela autora, Othero e Spinelli (2019) analisaram peças de teatro do século XXI, com o objetivo de identificar se as conclusões de Duarte se estendem e são reforçadas mais recentemente. De acordo com os autores, o uso de sujeito pleno se deu em 73,3% dos casos, enquanto o de sujeito nulo se deu em 26,7%, o que confirma a hipótese de que o PB está favorecendo o uso de sujeito pleno.

Além disso, Barbosa, Kato e Duarte (2005) fizeram uma análise da distribuição do pronome sujeito pleno e nulo de terceira pessoa em PE e PB com *corpus* escrito. A partir da análise dos dados, as autoras foram capazes de identificar que o uso do sujeito nulo só é licenciado quando há um antecedente marcado no discurso. Portanto, as autoras consideraram quatro tipos de padrões estruturais para o antecedente: 1) antecedente do sujeito nulo é o sujeito da oração principal; 2) antecedente é sujeito de uma sentença adjacente anterior; 3) antecedente é sujeito de uma sentença não-adjacente anterior; e 4) antecedente está em uma sentença adjacente anterior, mas é funcionalmente diferente do sujeito nulo. A partir dessa divisão, Barbosa, Kato e Duarte (2005) concluíram que o padrão estrutural que mais licencia sujeito nulo, tanto em PB como em PE, é o que o antecedente é o sujeito da oração principal (22% de sujeito pleno no PB e 3% de sujeito pleno no PE), como no caso, por exemplo, de orações encaixadas.

2.2 Sujeito posposto de ergativas

Assim como no caso do sujeito nulo, a ordem verbo-sujeito parece ser um fenômeno linguístico com muitas restrições no PB. O interessante de ser notado é que, também como no caso do sujeito nulo, a ordem VS ainda é muito usada no PE e, até o século XIX, o PB tinha um comportamento parecido ao do PE em relação ao uso de ordem VS. De acordo com Menuzzi (2004), estudos gerativistas apontam que o motivo para ambos os fenômenos serem cada vez menos frequentes é o mesmo: o PB está sofrendo uma mudança paramétrica, ou seja, deixando de ser uma língua de sujeito nulo obrigatório. Portanto, atualmente, falantes nativos de PB tendem a preencher a posição de sujeito, o que desfavorece tanto o uso de sujeito nulo quanto de ordem VS, ainda que estas não tenham sido eliminadas por completo.

Com relação às restrições à ordem VS, Menuzzi (2004) aponta duas restrições identificadas pela literatura que operam sobre essa ordem, sendo elas:

- (2) a. Restrição à definitude (do sujeito):
apenas “sujeitos” indefinidos podem ser pospostos.
- b. Restrição da monoargumentalidade:
apenas verbos intransitivos (Nascimento, 1984) /inacusativos (Figueiredo Silva, 1996) permitem a ordem VS.

Sendo assim, entendemos que, no caso de verbos ergativos, que são intransitivos e inacusativos, a ordem VS é autorizada, como em (3):

- (3) Quebrou uma janela.

Entretanto, Menuzzi (2004) afirma que essas restrições não são absolutas. Parece ser possível, por exemplo, o uso de sujeito definido com verbos ergativos, como podemos ver nos exemplos abaixo:

- (4) Afundou o barco.

- (5) Apagou a vela.

- (6) Começou a aula.

Considerando que essas restrições não parecem ser tão efetivas, Menuzzi (2004) apresenta a “restrição da ambiguidade”, proposta por Berlinck (1989), que afirma que, “quanto maior a chance do sujeito invertido não ser interpretado como o sujeito grammatical do predicado, menor a chance da ordem VS, e vice-versa” (Menuzzi, 2004, p. 368). Sendo assim, verbos ergativos com sujeito posposto em oração principal de contextos *out-of-the-blue* não parecem deixar dúvidas quanto à sua aceitabilidade. No entanto, quando temos algo como (1), repetido aqui como (7), a restrição da ambiguidade deveria, em princípio, restringir a inversão.

- (7) João disse que quebrou a janela.

Em (7) temos o uso de discurso indireto e de uma oração ergativa intransitiva com sujeito posposto encaixada, ou de uma oração causativa transitiva com sujeito nulo. Ainda que a restrição da ambiguidade e o pronome nulo de terceira pessoa com antecedente na oração principal supostamente favoreçam a interpretação causativa, trata-se de uma frase ambígua. Essa ambiguidade faz-se ainda mais evidente quando consideramos a interpretação a partir de conhecimentos de mundo, conforme podemos ver em (8):

- (8) João disse que furou o pneu do carro.

Em (8), sabemos que é mais provável um pneu furar “sozinho” do que alguém ativamente furar um pneu. Entretanto, a interpretação primária aqui pode funcionar de diferentes formas para os falantes, mesmo que eles sejam da mesma comunidade linguística. Sendo assim, faz-se necessário testar essa interpretação dos falantes para que seja possível verificar se as restrições e as preferências expostas acima fazem uma descrição precisa sobre o PB.

3 Metodologia

O objetivo deste trabalho é testar sentenças ambíguas com orações encaixadas em contextos *out-of-the-blue* para determinar qual a leitura preferencial de falantes nativos de PB: leitura causativa ou ergativa. Dessa forma, elaboramos um questionário usando a ferramenta de formulários do Google¹ para realizar a testagem. Posteriormente, os dados passaram por uma análise quantitativa para determinar a leitura preferencial.

O teste foi composto por 18 sentenças: oito que faziam parte da testagem e dez distratoras. As sentenças foram apresentadas aos participantes com duas alternativas de interpretação, e eles deveriam selecionar a alternativa que correspondesse à sua interpretação inicial. Em (9), podemos ver uma questão que foi elaborada para o teste, junto de suas alternativas:

- (9) Taís disse que acendeu a luz.

Opção 1: Taís acendeu a luz.
Opção 2: A luz acendeu.

Já em (10) e (11) temos exemplos de distratoras, em que há, novamente, o sujeito nulo, mas com sentenças encaixadas que não licenciam uma leitura ergativa:

- (10) Maria disse que estudou para a prova.

Opção 1: Maria estudou para a prova.
Opção 2: Outra pessoa estudou para a prova.

E sentenças encaixadas com sujeito pleno, em concordância com o sujeito:

- (11) Amanda disse que ela já viajou para vários países.

Opção 1: Amanda já viajou para vários países.
Opção 2: Outra pessoa já viajou para vários países.

Este formulário foi divulgado através de redes sociais para tentar atingir uma variedade maior de informantes. Como o trabalho não é de cunho sociolinguístico, questões relacionadas a faixa etária, localidade e estrato social não foram levadas em consideração. Todos os informantes permaneceram anônimos ao longo do processo de coleta de dados. Em seguida, os resultados obtidos através deste teste serão apresentados e analisados.

4 Resultados

Nesta seção, iremos apresentar e analisar os dados coletados através do questionário. No total, obtivemos 64 respostas para o teste, cujo objetivo principal era fornecer apenas uma amostra de resultados para esse tipo de sentença.

¹Internet: <https://docs.google.com/forms/u/0/>.

Tomou-se o cuidado para que todos os sujeitos das orações principais concordassem em número com o sujeito posposto/objeto da oração encaixada, de modo que a sentença fosse, de fato, ambígua. Além disso, todos os verbos usados nas orações encaixadas são, de acordo com a classificação de Ciríaco (2007), primariamente transitivos, mas sujeitos ao processo de ergativização, ou seja, quando há uma reorganização da estrutura argumental de um verbo transitivo de modo que o sujeito é omitido, deixando a posição de sujeito em aberto para que o objeto, i.e. paciente, seja alçado para a posição de sujeito (Cançado, 2013). As sentenças testadas são listadas abaixo com seus respectivos resultados de aceitação.

Tabela 1 — Resultados do questionário

Sentença	Interpretação causativa	Interpretação ergativa
Ana disse que abriu a porta.	57/64 (89,1%)	7/64 (10,9%)
Camila e Elisa disseram que estragaram as tortas.	41/64 (64,1%)	23/64 (35,9%)
Gabriel disse que afundou o barco.	45/64 (70,3%)	19/64 (29,7%)
Bruno disse que quebrou a janela.	59/64 (92,2%)	5/64 (7,8%)
Laura e Marina disseram que sujaram os carros.	40/64 (62,5%)	24/64 (37,5%)
Patrícia disse que apagou a lareira.	52/64 (81,3%)	12/64 (18,8%)
Marcos disse que fechou a porta.	54/64 (84,4%)	10/64 (15,6%)
Taís disse que acendeu a luz.	52/64 (81,3%)	12/64 (18,8%)
Total	78,1%	21,9%

Fonte: elaboração própria.

Como podemos verificar pelos resultados encontrados, a proposta de restrição de ambiguidade (cf. Menuzzi, 2004) é corroborada, o que se dá porque, como vimos, quanto menor a chance de o sujeito posposto ser o sujeito gramatical, menor a chance de ocorrer a ordem VS. Ainda que isso se aplique majoritariamente para explicar casos relacionados a tipos de verbo e transitividade em ordem VS, essa restrição também parece se aplicar ao caso da preferência pela interpretação causativa, uma vez que a sentença é ambígua devido ao antecedente na oração principal, que, de acordo com Barbosa, Kato e Duarte (2005), é o tipo de estrutura que mais licencia o uso do sujeito nulo.

Acredita-se, também, que pode haver uma correlação entre a interpretação de orações encaixadas com verbos primariamente transitivos/intransitivos e os processos de ergativização e causativização, este último referente a quando um verbo primariamente intransitivo passa a ter estrutura de transitivo (Ciríaco, 2007). Conforme vemos pela tabela, todos os verbos usados no teste são verbos primariamente transitivos, que podem passar por processo de ergativização. Esse processo é particularmente efetivo em orações principais ou orações encaixadas com ordem SV, mas não tanto em orações encaixadas com ordem VS, como podemos ver pelos resultados do questionário — nesses casos, o sentido primário do verbo parece dominar a interpretação e, com o sujeito nulo

licenciando a leitura transitiva, a leitura ergativa é menos favorecida. Isso se mostra, em especial, com os casos de *Bruno disse que quebrou a janela* (92,2% de leitura causativa) e com *Ana disse que abriu a porta* (89,1% de leitura causativa), que costumam ser exemplos bastante prototípicos de orações ergativas, tanto em ordem SV, quanto em ordem VS (cf. Ciríaco, 2007; Cançado, 2013), mas que aqui, nas orações encaixadas, tiveram os menores índices de leitura ergativa (7,8% e 10,9%, respectivamente).

Por outro lado, as sentenças *Gabriel disse que afundou o barco* e *Patrícia disse que apagou a lareira* são duas das três sentenças que tiveram os maiores índices de interpretação ergativa com a terceira pessoa do singular (29,7% e 18,8%, respectivamente). Isso porque é muito mais fácil um barco afundar “sozinho” do que alguém o afundar, e, normalmente, a lareira costuma apagar sozinha — dificilmente alguém faz um esforço para apagá-la. Ou seja, aparentemente, a questão de conhecimento de mundo parece desempenhar um papel importante no favorecimento da leitura ergativa.

A terceira sentença com maior índice de interpretação ergativa com a terceira pessoa do singular é *Taís disse que acendeu a luz* (18,8% de interpretação ergativa), que também reforça a importância do conhecimento de mundo para o licenciamento da leitura ergativa: se considerarmos que hoje em dia muitas luzes operam com sensores de movimento ou *timers*, faz sentido que a leitura ergativa seja licenciada com mais facilidade, pois é algo que o falante conhece e com o qual convive. Ainda assim, apesar de essas três serem as sentenças com terceira pessoa do singular com maior índice de interpretação ergativa, a interpretação causativa ainda é preferencial (70,3%, 81,8% e 81,8%).

Além disso, uma questão interessante é que duas das sentenças testadas contam com sujeito composto, ou seja, nesse caso, terceira pessoa do plural, e justamente essas duas sentenças são as que têm o menor percentual de interpretação causativa (64,1% e 62,5%), ainda que a interpretação causativa seja predominante mesmo nesses casos. Essas porcentagens podem estar relacionadas, entretanto, ao fato de que a terceira pessoa do plural licencia a leitura de sujeito indeterminado, como podemos ver abaixo com uma das sentenças do questionário:

- (12) Laura e Marina disseram que sujaram os carros.

Interpretação possível: Alguém que não Laura e(ou) Marina sujou os carros.

Contudo, como não havia uma opção de interpretação para sujeito indeterminado, é possível que os participantes que tenham feito essa leitura tenham escolhido a opção da leitura ergativa por falta de opção. Se for esse o caso, teríamos uma terceira opção que não havia sido considerada inicialmente e que pode ter intervindo nos resultados da testagem.

Por fim, vale ressaltar que, em termos de resultados totais, a leitura causativa com sujeito nulo é clara e significativamente mais proeminente que a leitura ergativa (78,1% vs. 21,9%), indo ao encontro das teorias e análises dos estudos apresentados neste trabalho.

5 Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi verificar a interpretação primária de orações encaixadas ambíguas com leitura causativa transitiva (com sujeito nulo) e ergativa intransitiva (com ordem VS) para melhor descrever a língua. Para tanto, realizamos um questionário para juntar uma pequena amostra de dados como indicativo de possíveis padrões linguísticos.

No total, obtivemos 64 respostas ao teste. Entretanto, como mencionado anteriormente, como este trabalho não é de cunho sociolinguístico, optamos por não considerar questões de gênero, faixa etária, localidade ou estrato social. Ainda assim, um novo estudo levando esses fatores em consideração poderia ajudar a melhor descrever esse fenômeno.

Todas as três questões relacionadas à literatura que sustentam a leitura causativa como a interpretação preferencial parecem ter sido corroboradas. Algumas questões, porém, ainda precisam ser exploradas, como o índice mais alto de leitura ergativa com as sentenças com flexão de terceira pessoa do plural, que pode estar relacionado à leitura de sujeito indeterminado causativo que a terceira pessoa do plural licencia.

Além disso, seria interessante, em um novo estudo, tentar incluir verbos primariamente intransitivos em processo de causativização, como podemos ver nos exemplos abaixo, extraídos de Ciríaco (2007, p. 56-57):

- (13) a. O bebê acordou.
b. O barulho acordou o bebê.

- (14) a. A chave sumiu.
b. ?? João sumiu a chave.

Nesses casos, seria interessante testar o que acontece com esse tipo de verbo em orações encaixadas e com ordem VS, como em (15) e (16) abaixo, para verificar se a leitura preferencial muda a depender do sentido primário do verbo.

- (15) João disse que acordou o bebê.

- (16) Maria disse que sumiu a chave.

Por fim, ainda que este estudo tenha se proposto apenas a verificar a leitura preferencial através de testagem, um novo estudo que se proponha a explicar a motivação por trás da preferência seria de extrema valia para os estudos linguísticos.

Referências

BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Null subjects in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Londres, v. 4, n. 2, p. 11-52, 2005.

BERLINCK, R. de A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. p. 95-112.

CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CIRÍACO, L. *A Alternância Causativo/Ergativa no PB: Restrições e Propriedades Semânticas*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

DUARTE, M. E. L. The loss of the Avoid Pronoun Principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. (org.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Madrid: Vervuert Verlagsgesellschaft, 2000. p. 17-36. DOI: <https://doi.org/10.31819/9783964561497-002>.

DUARTE, M. E. L. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A Posição do Sujeito no Português Brasileiro: Frases Finitas e Infinitivas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

HOLMBERG, A.; NAYUDU, A.; SHEEHAN, M. Three partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguistica*, v. 63, n. 1, p. 59-97, 2009.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. *VEREDAS: Sintaxe das Línguas Brasileiras*, Juiz de Fora, v. 18, n. 1, p. 1-22, 2014.

MENUZZI, S. A Ordem Verbo-Sujeito no Português do Brasil: Para uma Comparação das Abordagens Formalistas e Funcionalistas. *Rev. ANPOLL*, n. 16, p. 349-384, 2004.

NASCIMENTO, M. do. *Sur la Postposition du Sujet dans le Portugais du Brésil*. 1984. Tese (Doutorado em Linguística) – Université de Paris VIII, Paris, 1984.

OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. Sujeito pronominal expresso e nulo no começo do séc. XXI (e sua relação com o objeto nulo em PB). *Domínios de Linguagem*, v. 13, n. 1, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL37-v13n1a2019-1>.

AUTORIA**Paloma Petry (UFRGS)**

Conceitualização; Análise Formal; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição

Conforme papéis CRediT especificados em:

<https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt/>**DADOS DA PUBLICAÇÃO**Seção: *Squibs*

Recebido em: 31/1/2025

Aceito em: 11/3/2025

Publicado em: 25/6/2025

COMO CITAR

PETRY, Paloma. Interpretação ergativa e causativa de orações encaixadas: sujeito nulo ou posposto?

Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem, v. 10, n. 1, p. 45-54, 2024.**SOBRE A REVISTA**Submissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>*Open Access*Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*